

CONTO OU CRÔNICA?

<http://64.233.179.104/search?q=cache:MJw9PgOAmesJ:www.anjosdeprata.com.br/contocro.htm+livro+do+conto+a+cronica&hl=pt-BR>

O que diferencia um conto de uma crônica? Leia algumas definições e tire suas próprias conclusões.

Uma vez, nos anos 80, Analdino Paulino coordenou uma edição de crônicas de amor para um livro que seria brinde da Credicard. Convidou dez autores, eu entre eles. Escrevi a minha. Foi devolvida pelo então diretor de marketing do cartão de crédito. "Estava ruim?" Não, disse o coordenador. Estava boa, ele até gostou. "E por que recusou?" Porque ele pediu crônica e você mandou um conto. "Ah, e o que é conto e o que é crônica para ele?" A resposta serviu para os milhares de teóricos que queimam cabeça. Porque, disse o marketeiro culto, uma crônica não tem diálogos. E como a sua tem, é conto.

Ignácio de Loyola Brandão, em crônica publicada no jornal "O Estado de São Paulo"

CONTO

[Dev de contar.]

S. m. 1. Narração falada ou escrita.

(Novo Dicionário Aurélio)

CRÔNICA

[Do lat. chronica]

S.f. 1. Narração histórica, feita por ordem cronológica.

4. Pequeno conto, de enredo indeterminado.

(Novo Dicionário Aurélio)

CONTO - Narração breve, oral ou escrita, de um sucesso imaginário. Tem um número reduzido de personagens que participam de uma só ação, em um foco temático. Sua finalidade é provocar no leitor uma única resposta emocional. Originariamente, o conto é uma das formas mais antigas de literatura popular de transmissão oral.

(Enciclopédia Encarta 2000 - Microsoft®)

CRÔNICA - Atualmente, é um gênero literário que explora qualquer assunto, principalmente os temas do cotidiano. Geralmente escritas para serem publicadas em jornais e revistas — que, mais tarde, podem ou não ser reunidas em livro — a crônica se caracteriza pelo tom humorístico ou crítico.

(Enciclopédia Encarta 2000 - Microsoft®)

Conto é tudo o que o autor chamar de conto.

(Mário de Andrade)

Alguém já disse que crônica é a literatura sem tempo.

(Luis Fernando Veríssimo)

CONTO

A definição definitiva do que seja conto ainda não foi encontrada - e parece-me que jamais será. Mas terá importância essa falta de uma definição abrangente? Acho que não tem nenhuma - porque conto é uma criação de mil faces e mais algumas: portanto, é mesmo indefinível, e assim deve continuar. Essa diversidade incapturável é justamente o que faz do conto um desafio a quem escreve ficção. Por isso é que o conto, quero dizer, o bom conto, está sempre sendo reinventado e constantemente exasperado a quem tenta defini-lo.

(José J. Veiga)

Muito se discute sobre a natureza e o valor do conto enquanto literatura. Para muitos o gênero é composto de romancistas com pouco fôlego para escreverem obras maiores; para outros, de escritores sem o dom da concisão e a disciplina necessária ao rigor que caracteriza o ofício dos poetas - mesmo aqueles que usam o verso livre. O fato é que o conto possui atributos que o diferenciam dos gêneros mais populares da ficção e que vão além da definição de narrativa curta. Se a Poesia procura levar o leitor - através de sua música e construção - a regiões míticas e originais onde a sensação é mais reveladora que o sentido, e o Romance leva a uma participação de vivências e estados de alma onde a verossimilhança transpõe o mundo imaginário para o mundo real, o Conto, por sua vez, tem como objeto o estado de tensão. Não estou afirmando que as finalidades de um ou outro gênero não se cruzem e misturem. Não. Porém o Conto, sem a subjetividade da Poesia e o

prosaísmo do Romance, permite num grau de total eficácia a invenção na linguagem e a possibilidade de reflexão do mundo externo à obra, viabilizando o processo de humanização do leitor - como pretendido pelo grande crítico de literatura Antonio Candido. A centralização num tema, a exatidão da imagem, a concisão e a profundidade dos significados são algumas das qualidades principais do Conto que o marcam de maneira definitiva e propiciam a tensão entre texto e leitor, cumprindo com o papel de incomodar ou deleitar cabido a boa literatura.

(Valdo Trindade)

Nenhum outro gênero, realmente, é tão discutido e mal definido, até hoje, na história literária. Afinal, o que é exatamente um conto? Mário de Andrade, num assomo de enfado, definiu-o: "Conto é tudo o que o autor chama de conto." E o crítico inglês H. E. Bates, citado por Aurélio e Rónai, confessava-se, em obra de 1942, desanimado de definir o gênero : "O conto veio a tornar-se toda espécie de coisas...um veículo na realidade, para o talento de cada um", e concluía: "O conto tem algo da natureza indefinida e infinitamente variável de uma nuvem". Convergem os estudiosos num ponto, bem expresso pelo professor Massaud Moisés: "Pelo que se pode saber, é desconhecida a origem do conto. É-nos vedado pensar o momento em que surgiu, pois teríamos de remontar a uma era da História ensombrada pelo denso mistério e incerteza de contornos"

(Cecília Prada)

Conto, novela, romance: A primeira coisa que devemos tirar da cabeça é aquela história de que a diferença entre esses três gêneros é a quantidade, ou seja, o conto é curto, a novela, mais ou menos, e o romance é longo. Nada disso é verdadeiro. Existem novelas maiores que romances e contos maiores que novelas.

Onde está a diferença?

Gosto muito do conceito de unidade dramática, ensinado pelo eminente doutor em literatura, Professor Vicente Ataíde, que denominamos de "Célula Dramática" e que passo a utilizar para uma boa compreensão do assunto. O Conto contém apenas um único drama, um só conflito. Esse drama único pode ser chamado de "célula dramática".

Uma célula dramática contém uma só ação, uma só história. Um conto é um relâmpago na vida dos personagens. Não importa muito seu passado, nem seu futuro, pois isso é irrelevante para o contexto do drama objeto do conto. O espaço da ação é restrito. A ação não muda de lugar e quando eventualmente muda, perde dramaticidade.

O objetivo do conto é proporcionar uma impressão única no leitor. Podemos, pois, resumir em quatro, os ingredientes que caracterizam o conto:

1. uma ação
2. um lugar
3. um tempo
4. um tom.

Em outras palavras, um conto contém uma única Célula Dramática.

(Airo Zamoner)
CRÔNICA

O trabalho que eu faço - a crônica - é justamente a junção da literatura (muito presente na obra de meu pai) e do jornalismo (minha especialidade). Outro ponto em comum é a informalidade com que eu e meu pai procuramos escrever nossos textos.

(Luis Fernando Veríssimo)

Liberdade de criação no jornalismo. Gênero menor na literatura. A crônica é a própria inconstância. Na teoria, sabe-se dela o que ela não é e o que ela pode ser. Na prática, ela se define pelo estilo do autor, pelo tamanho e, por vezes, pelo veículo onde é publicada.

(Gabriela Pessoto Galano - Baurunesp)

A crônica não é literatura, e sim subproduto da literatura, e está fora do propósito do jornal. A crônica é sublitteratura que o cronista usa para desabafar perante os leitores. O cronista é um desajustado emocional que desabafa com os leitores, sem dar a eles oportunidade para que rebatem qualquer afirmativa publicada. A única informação que a crônica transmite é a de que o respectivo autor sofre de neurose

profunda e precisa desoprimir-se. Tal informação, de cunho puramente pessoal, não interessa ao público, e portanto deve ser suprimida.

(Rubem Braga)

Crônica: narrativa curta que geralmente tem como ponto de partida um fato real comentado pelo autor, muitas vezes de maneira lírica ou bem-humorada. Nas últimas décadas, no Brasil, muitos escritores notabilizaram-se por suas crônicas: Rubem Braga, Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo, entre outros.

<http://www.klickeducacao.com.br>

Sobre a crônica, há alguns dados interessantes. Considerada por muito tempo como gênero menor da Literatura, nunca teve status ou maiores reconhecimentos por parte da crítica. Muitos autores famosos, romancistas, contistas ou poetas, produziram excelentes crônicas, mas não são conhecidos por isso. Carlos Drummond de Andrade é um belo exemplo. Pela grandeza de sua poesia, o grande cronista do cotidiano do Rio de Janeiro foi abafado. O mesmo pode-se falar de Olavo Bilac, que, no início do século passado, passou a produzir crônicas num jornal carioca, em substituição a outro grande escritor, Machado de Assis.

<http://www.russo.pro.br>

A crônica se destina a publicação em jornal ou revista. Por isso mesmo, já se pode deduzir que deve estar relacionada com acontecimentos diários. Se diferencia evidentemente da notícia, pois não é feita por um jornalista e sim por um escritor, mas se aproxima de sua forma. É o acontecimento diário sob a visão criativa do escritor. Seus personagens podem ser reais ou imaginários. Não é mera transcrição da realidade, mas sim uma visão recriada dessa realidade por parte da capacidade lírica e ficcional do autor. Normalmente, por se basear em fatos do cotidiano, ela tende a se desatualizar com o passar do tempo. Nem por isso deixa de perder seu sabor literário quando agrupamos um conjunto delas em um livro. O cronista é essencialmente um observador, um

espectador que narra literariamente a visão da sociedade em que vive, através dos fatos do dia a dia.

(Airo Zamoner)

Modernamente, a crônica é o gênero literário que se concentra em acontecimentos da vida cotidiana, os quais, à primeira vista, podem parecer banais para qualquer pessoa, mas que ganham sua devida importância na visão do cronista. Tais acontecimentos sejam elas pertencentes à vida política, esportiva, social, literária ou policial, são sempre comentados sob o ponto de vista de seu autor, adquirindo a crônica um estilo peculiar a este. É pelo estilo simples, ágil e poético que o cronista atrai o leitor para sua obra, utilizando para isto de uma linguagem leve, informal, com a presença de presença de diálogos, toque de humor, sarcasmo e mesmo de que se aproxima do nosso modo de ser mais natural. A linguagem da crônica é, pois, descompromissada das construções rebuscadas, da sintaxe rica, dos adjetivos em excesso, e de tudo aquilo que a torna distante da vida real, ajustando-se desta forma, ao lirismo do nosso dia-a-dia. A crônica, às vezes, pode ser confundida com o conto, pelo fato de serem a criação de uma nova realidade, No entanto, o que difere - analisando através da linguagem - é que na crônica existe agilidade e simplicidade; faz uso de recursos orais (como os diálogos freqüentes), e de coloquialismos, que a tornaram mais próxima, e, de certa forma, melhor compreensível ao leitor.

<http://www.artegeral.com.br/linguagem.htm>